Izidoro MARTINS JUNIOR

A Poesia Scientifica

(Escorço de um livro futuro)

2.ª Edição destinada a auxiliar a construcção do monumento do autor.

Imprensa Industrial
49 e 51 — Rua Visconde de Itaparica — 49 e 51
Recife—1914

Izidoro MARTINS JUNIOR

A Poesia Scientifica

(Escorço de um livro futuro)

2.ª Edição destinada a auxiliar a construcção do monumento do autor.

Imprensa Industrial
49 e 51 — Rua Visconde de Itaparica — 49 e 51
Recife—1914

A

Francisco C. R. Campello

um dos meus poucos amigos verdadeiros

Aos sabios espiritos de:

Clovis Bevilaqua.
Clodoaldo Freitas.
Arthur Leal Ferreira.
Manoel Cyridião Buarque.
Joaquim Manoel Simões.

Aos

350 collegas de curso

que na eleição academica do anno passado

(1882) me deram provas

de

consideração e sympathia.

On a fait du poéte un fragile tresor,
Un oiseau dont le vent coupe le fréle essor,
Une fleur que detache une goutte d'orage.
Et nous, serons nous donc de ces moineaux en cage
De ces meubles de boule et de ces pots chinois
Que l'on met á l'ecart de peur des maladroits ?
Ah ! ne soyons jamais des hommes d'etagére !
Vivons pour ne pas être une chose legére !

ANDRÈ LEFÉVRE — *L'epopée Terrestre.*

Especie de prefacio

Este pequeno livro que ora dou a lume é um grito de alarma, um toc-sin *de rebate, vibrado com uma certa intenção revolucionaria.*

Por isso elle apresenta uma allure *nervosa, uns tons sacudidos de quem lucta; não tem a calma olympica dos grandes tratados philosophicos, nem a severidade pacata e methodica dos compendios de sciencia.*

Quero ter o prazer de ser chamado pedante *ou tolo pela critica. Faço, portanto, esta declaração:*

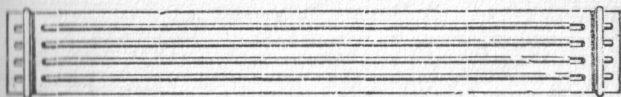
— *As paginas que vão ser lidas foram escriptas durante muitas noites, mas em muito poucas horas; muitas vezes em cima do travesseiro e a lapis.*

Quer dizer isso que eu não fiz um estudo de ferro *nem entreguei-me a fundas meditações para traçal-as...*

Mas não quer dizer que eu peça, em vista disto, indulgencia aos meus juizes para a **Poesia Scientifica**, *não. O que ahi vai tenho consciencia de que presta, como um ensaio e como uma cousa original.*

E... ponho ponto ao quasi-prefacio.

Izid. Martins Junior.

Recife, 1883.

Prefaciando

A Commissão que metteu corajosamente hombros á dura empreza de angariar donativos para a erecção do monumento dedicado á memoria de Martins Junior andou bem inspirada resolvendo republicar A POESIA SCIENTIFICA do grande Extincto, afim de que a moderna geração litteraria,—a dos jovens poetas sobretudo,—o conheça e venere por mais este aspecto de estheta e de critico emerito. Esta graciosa theoria de idéas, vestidas de escarlata e nimbadas de oiro,— o oiro do sol da Verdade mais o rubro do ardor da Juventude,—é como uma oblata vinda do tumulo do poeta e do pensador excelso para ser deposta na ara dos ideaes viris e castos da mocidade ruidosa das Escolas, avida de sonhos masculos e altos.

E é bem de crer que esta publicação seja «carnegialmente» acolhida pelos moços, sempre generosos e prodigos de leoninos arranques e «mecenios» surtos, em se tratando de um grande morto espiritualmente vivo.

A Commissão tressúa nas aperturas da escassez de meios que lhe deixem desempeçada a piedosa tarefa. Reeditando A POESIA SCIENTIFICA, essa heroica andadora de obulos para a missa de pedra que

a Arte quer celebrar aos manes de seu filho querido, não é já quem vos estende o «gazofilacio» para a collecta—O' Moços! Dir-se-ia que é antes a ida Sombra carnalisada e siderica,—Elle Mesmo—quem, aterrando a sorrir, pelas azas da evocação, vem novamente palpar a terra natal, a ver se os epigonos lhe recordam o nome e os actos, a ver se o pão do seu Verbo mais o vinho de sua Doutrina se multiplicaram entre os seus jovens confrades e compatricios.

———

A intenção da Commissão promotora foi inquestionavelmente bôa. Errou, porém, designando-me por seu arauto.

A outros, que não ao nada de mim, fôra bem confiada a missão de officiar nesta solemne homilia. E se aqui estou, não foi á falta de reluctar e fugir a tão grave responsabilidade. Venceu, porém, o appello feito á minha affectividade incorrigivel, e eis-me dobrado ao cumprimento do dever.

———

Conta 30 annos A POESIA SCIENTIFICA;—um brado potente de chamada ás armas atirado aos poetas d'antanho, divorciados da realidade phenomenal, complexa e absorvente que a sciencia tentava decifrar.

A Arte Rimada confinára-se no Amor. Despulmonava-se durante as 24 horas de cada dia nuns beijos infindaveis de phymatosa adiantada, ou nas lamurias paulo-virginicas de meia duzia de lamartinianos emasculados.

Os rithmos eram mais que manocordicos e, por isso, gastos; pauperrimas tambem as idéas. E da massa pillular de que se fabricavam a quando e quando versos hysteriformes e anemicos, afloravam odores suspeitos de gazes putridos. A Poesia ia morrendo de inanição.

E' certo que Sylvio Roméro foi o primeiro protesto erguido contra esse estado de cousas deplorabilissimo. Fel-o com talento e calor. Deu o exemplo frisante de um lyiismo robustecido pela intuição philosophica. E' ler a mocidade o prefacio dos CANTOS DO FIM DO SECULO (1878) do Mestre, para verificar o asserto. A sua voz autorisada não foi ouvida e perdeu-se na anarchia reinante dos cultores do verso de seu tempo.

Tres annos depois, surgia Martins Junior vibrando a lyra bronzea das VISÕES DE HOJE e, para logo, a confraria dos bardos deu-se pressa em estracinhar-lhe os cothurnos de athleta grego do tempo das olympiadas. A replica esmagadora appareceu em 1883 e chamou-se A POESIA SCIENTIFICA.

Releiam-no os que hoje, á distancia desses trinta annos, podem serenamente julgal-o e hão de ver que a razão estava com elle; bem que a Lyrica Nacional tenha obedecido a uma diversa trajectoria.

Em summa, que entendia Martins por Poesia Scientifica? A poesia «moldada pela concepção positiva do mundo»; «grande, elastica, imperecivel, correcta, harmoniosa, sonora». E' a poesia de Lucrecio, em Roma, e, no mundo moderno, a poesia dos Lefévre, Stupui, Sully-Prudhomme, Luiza Akerman, Bartrina e outros genios representativos e apaixonados de modernidade, que deram ao mundo o exemplo de que á poesia não podem ser indifferentes as conquistas da sciencia.

Os moços esthetas da actual geração certo não fazem sciencia e philosophia em verso. Mas nenhum que desadore o culto sereno da Verdade de que o Bello continúa a ser o «maximo esplendor». Nem Martins pregava a poesia catechismisando formulas chimicas e quejandas technicas scientificas ou abstracções philosophicas. O que elle evangelisava ahi está realisado normalmente. O poeta de hoje é visceralmente um psychologo a cantar. Desceu-se de sua torre de marfim para celebrar a gloria de viver, essa

Hora potencial do ser e do não ser em que o homem dilata-se e profunda-se no seio da Suprema Energia.

A Poesia actual é, sim, essa Hora vivida entre as mil pullulantes vidas concentricamente enlaçadas, no seio das quaes a morte é apenas transição e o amor o unico estado de equilibrio perenne. Errou, por isso, Byron dizendo que «a arvore da sciencia não é a da vida.» Se a sciencia é a pesquiza da verdade, e esta relativa, a vida é a sua imagem mesma, ampliada e realissima, mutavel e sempre nova, luz que se obscurece e nunca se extingue.

Os poetas comprehenderam-no tão bem que todos affirmam a eternidade da triplice alliança universal: o Bello, a Verdade e o Amor.

———

Do tempo em que Martins publicou A POESIA SCIENTIFICA poucos valentes pioneiros da Verdade vivem: Arthur Orlando, João Bandeira, Clovis Bevilaqua, Carlos Porto Carreiro, Theotonio Freire e raros outros de uma geração litteraria ardorosa, de altos surtos estheticos e philosophicos. Um verdadeiro alvorescer de genialidade punha azas aquilinas e luminosas nas organisações nervosas desses loucos do ideal. A febre era tão intensa nos cerebros, que muitos foram victimas precoces de sua autophagia irrefreavel. Foram-se desde então pela porta baixa da morte Pardal Mallet, Phaelante da Camara, Adelino Filho, Germano Hasloscher e tantos outros coripheus das idéas novas. Do outro lado da Cruz revivem ainda abrindo a brecha de sol fecundo, por onde chega até nós a flecha de oiro da modernidade.

O doce fardo da Arte que vós acarretais, ó forte e bella Mocidade que viveis de sonhos e emoções!— já agora o sentis mais leve do que o sentiram Elles, —calhau de Syzipho esmoedor de bravuras ainda as mais resistentes.

Vel-o-eis delettreando as obras daquelles Atlas de então, blocos do Pentelico ou bronzes corinthios sem o acabamento celinico, informes e adamastoreos.
Mas ao vosso olhar arguto, facil e promptamente resurgirá das ruinas 'dessa Carthago intellectual o largo templo de mysterio e de sonho onde Elles officiaram sob as armaduras de guerreiros invictos.

———

Vêde a clava poderosa deste Chefe da legião que preferia morrer a render-se. Tem azas no punho como o caduceu do deus helleno e parece ainda voltear nos ares repetindo com Bourget:
« Ao lado da litteratura positivista que prolonga a Sciencia com um tal vigor de meios, uma litteratura pode e deve crescer, de uma humanidade terna e triste, que se commova em face do soffrimento dos espiritos conturbados,—litteratura de que Shelley, de que Keats na Inglaterra, Vigny, Baudelaire, Sully—Prudhomme em França, são os mestres já reconhecidos ».
Litteratura em que a grande Visão serena e synthetica das verdades particulares das sciencias e dos systhemas philosophicos tudo aliança e funde no divino Sortilegio que é o Verso.

Recife—10—1913.

França Pereira.

I

COUP DE BALAI

> A' Arte compete propagar a solidariedade humana, narrar as lutas dessa conquista, levar á convicção de que o desenvolvimento é uma fórma da vida e que a perfectibilidade é indefinida.
>
> THEOPHILO BRAGA.

O actual momento da *psyché* brasileira tem, quanto a mim, as incongruencias cahoticas de um abysmo.

Por isso mesmo entendo que elle será decisivo para nós.

Ou vae sahir daqui, deste microcosmos informe, uma patria valente e livre, lavada de luz e expurgada de lepras; ou vae explosir dentro em pouco, no ventre desta sociedade, a grande mina da decadencia fatal e definitiva.

Vamos ter uma aurora a ensanguentar o horizonte, ou uma noite polar a entenebrecer o espaço.

Sim. A patria brasileira, hoje, tem a alma em fusão. Olha-se-lhe para o intimo, e enterra-se a vista em alguma cousa de profundamente amorpho que dá uma sensação de agonia ou, quando muito, de dolorosa esperança.

Especialisemos, para proval-o:

Na Politica,— emquanto, esbatido na nevoa indecisa de uma madrugada longinqua, apenas se presente o astro pallido e desejado de uma organisação sem Rei,—destroços e restos de um regimen transitorio e gasto, como é a Monarchia-Constitucional, fluctuam doudamente n'uma desaggregação anormal e impossivel.

Na Religião,—ao passo que as baixas camadas do povo dão-se a um fundo fetichismo grosseiro, e só um pequeno numero de valentes corações e rijas cabeças reagem, buscando dar uma direcção scientificamente humana aos seus instinctos altruistas,—a grande maioria da nação, mediocremente instruida, sente ir-se-lhe a fé theologica sem pensar em substituil-a, e sem ver que o scepticismo a solapa, estancando-lhe as fontes affectivas.

Nas Lettras,—ao mesmo tempo que, sem nexo, sem directriz accentuada, um punhado fecundo de idéas e de sentimentos modernos boiam phosphorejando, como no oceano, illuminado da ardentia, um recife de madreporas em caminho de empedramento—a sciencia official e reaccionaria como um outro recife secular que obstrue um porto, impede com os seus prejuizos metaphysicos que a mocidade se aleite em um ubre melhor—o dos estudos positivos e exactos, onde a verdade se impõe, onde se alargam os cerebros.

E assim tudo.

—O informe na Politica, o nebuloso na Religião, o vago na Sciencia, o inconstante nos Costumes, o indefinido na Arte.

Emfim:—a anarchia nos craneos e nos peitos.

*
* *

Escrevia eu, ha dois annos, prefaciando um livro de versos:

«E' uma cousa difficil de determinar, hoje, a physionomia da nossa litteratura. Principalmente da nossa poesia.

São tantas as escolas e os campos em que se dividem os nossos moços que rimam os seus

devaneios ou as suas lucubrações, que o observador da arte nacional contemporanea sente-se, deante della, nas condições em que se acharia um photographo que, tendo de retratar uma creança travessa, visse que ella fazia movimentos e furtava o rosto a objectiva da machina.

Note-se: Eu não desconheço o facto de que a nossa litteratura poetica actual, na sua parte mais nova e mais extensa, trilha uma vereda differente daquella em que florearam as suas armas os combatentes que a legião franceza de 1830 recrutou aqui.

Sei que os productos da musa brasileira contemporanea apresentam uma certa feição caracteristica, proveniente do meio semi-positivo em que ella se vae desenvolvendo. Mas reconheço tambem que, em virtude mesmo desse meio, e á semelhança do que succede no departamento philosophico, onde os estados theologico, metaphysico e positivo veem-se reunidos n'uma coexistencia antipathica, dá-se na poesia nacional uma outra coexistencia de elementos diversos, variados e quasi antitheticos.» (1)

---

(1) *A Corteză*, por J. B. Gonçalves Lima.

Penso, ainda hoje, o mesmo.

A alma brasileira continua a fluctuar incoherentemente.

O dito de Herschell relativo ás nebulosas, e que Rocha Lima (2) applicou a litteratura portugueza contemporanea, cabe melhor ao nosso povo do que a um outro qualquer.

—*Mundo em via de formação*, eis o que elle é, o Brasil.

Desde o *plasson* da sua trama ethnica até a floração emprestada e artificial das suas faculdades superiores, a nossa nacionalidade agita-se a cada momento, buscando a accentuação de um typo que foge.

Nem era crivel, de certo, que, jungidos ás condições que nos têm subjugado até agora, tivessemos obtido já, sob a rala atmosphera scientifica que de 1870 para cá principiou a cobrir-nos, um modo geral, constante e fecundo de sentir e de trabalhar.

---

(2) *A Critica e Litteratura* (1878), R. A. da Rocha Lima, morto um anno antes da publicação do seu livro, moço ainda, foi um dos poucos espiritos serios e penetrantes que temos tido na critica. Teria deixado impreenchivel o logar de successor digno de Sylvio Romero, si a seu lado não crescessem já Clovis Bevilaqua, Capistrano de Abreu e Alcides Lima.

Para isso seria preciso que a mentalidade do paiz tivesse attingido ao seu completo desenvolvimento, e um desenvolvimento desses só póde ter lugar depois de uma longa elaboração operada atravez de gerações inteiras...

Mas—assentado o facto da larga anarchia mental e moral que lavra entre as nossas classes educadas—eu passo a abordar o meu assumpto.

* * *

A Arte brasileira,—melhor direi—a poesia brasileira, como a Arte de todo o Occidente, teve a sua phase classica e o seu periodo romantico.

O pernambucano Bento Teixeira Pinto, autor da *Prosopopéa* (seculo XVI), e o ultimo dos modernos poetas condoreiros marcam os dois pontos extremos desses estados.

No espaço intermedio agitam-se essas familias inteiras de almas escolhidas, maiores e menores, que ajuntaram materiaes para a faina de hoje, isto é: para a accentuação scientifico-naturalista das lettras contemporaneas.

O poeta da *Prosopopéa*, já citado, e mais: Gregorio de Mattos, Antonio José, Santa Rita Durão, Basilio da Gama, Claudio Manoel da Costa, Antonio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Silva Avarenga, e Mendes Bordallo foram, sobre o chão calcinado desta patria infeliz, os primeiros celebrantes da eterna missa do espirito, em que a hostia do bello alveja immaculada n'uma radiação calma de lua.

Foram elles os primeiros operarios da loura seara do ideal.

Fizeram a cellula primitiva do nosso organismo litterario e levaram valentemente o espirito nacional ao limiar do edificio romantico, cujos primeiros alicerces datam do anno da independencia. (3)

(3) Acho adoptavel e criteriosa a divisão em 4 periodos que fez Sylvio Romero da Historia da Litteratura brasileira, e que é a seguinte: Periodo de formação (1500-1750), periodo de desenvolvimento autonomico (1750-1822), periodo de transformação romantica (1822-1870), e periodo de reacção positiva (1870 por deante).

Essa divisão ajusta-se perfeitamente á lei geral da Historia e facilita a constatação dos momentos em que a nossa mentalidade sentiu-se influenciada pelas tres modalidades capitaes de concepção do mundo, a theologica, a metaphysica e a positiva.

Ahi, entregues os utensilios da labuta aos representantes da edade que entrava, os portadores da intuição classica fizeram alto, e resignaram-se á morte, esperando pelo juizo despreoccupado e recto do futuro.

Vieram primeiro, logo em seguida, os romanticos da politica.

Depois foi despontando a *troupe* nervosa dos artistas novos, dos poetas que sob a influição da romantica franceza, echoante por aqui, iam nascendo pouco a pouco.

Então, de 1886 em deante, começaram a pairar sobre o Brasil, n'uma revoada lenta de passaros sem ninhos, os cantos mais desencontrados, os hymnos mais contradictorios, as notas mais oppostas.

Vibrações de madrigaes suaves, exuberantes de bucolismo, rescendendo um perfume casto de amor espiritualisado, gemidos de almas doentes, queixas apaixonadas e fundas, gritos de duvida, estrophes esverdeadas de absyntho e de scepticismo ; brados de fé fugindo para o indefinido do azul, risadas satanicas a par de vermelhos sorrisos virginaes, audacias formidaveis de enthusiasmo, opalas liquidas de lagrimas, coraes

intensos de alegria febril, rutilações de auroras desejadas, pantanosidades de almas hypocondriacas ; —tudo isso varou a nossa atmosphera moral n'um rhytmo ora languido e firme, ora descompassado e rijo.

Produziam esse ruido, seguidos da grande cauda dos discipulos, os trabalhadores seguintes:

Domingos de Magalhães, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella, Tobias Barreto, Castro Alves, Victoriano Palhares, (4)

Faziam e fizeram a obra do seu tempo, elles.

Hoje, vivos ainda muitos, a Poesia nacional segue um outro rumo, alada a sentimentos mais amplos, attrahida por magnetes mais possantes, requestada por outros ideaes, e deixa os velhos lutadores na margem do caminho, a olhar

(4) Felizmente o periodo romantico das nossas Lettras está presentemente quasi de todo estudado. Alem dos optimos trabalhos do autor da *Introducção á Hist. da Litteratura Brasileira*, temos Clovis Bevilaqua, o critico mais precoce e profundo que depois de Rocha Lima produziu o paiz, o qual tem explorado a materia.

O seu *Esboço synthetico do movimento romantico brasileiro*, (1822-Recife) é um esplendido *echantillon* de critica moderna, e em muitos pontos delle Clovis faz apreciações mais justas e pensadas do que as de Sylvio Romero. Com relação ao indianismo, por exemplo.

com saudade para o horizonte que ficou atraz, n'uma penumbra de crepusculo...

***

Os poetas brasileiros contemporaneos, em sua maioria, nasceram da decomposição do romantismo, principiada a operar-se nas proximidades de 1870 e consummada em 1878, pouco mais ou menos.

Da decomposição a que alludo, sahiram, a principio, dois embryões de escolas: o da poesia que eu chamarei proto-scientifica, de Sylvio Romero (5) e o do vago realismo socialista de Souza Pinto e Celso de Magalhães.

O primeiro, que me parece ter tido estreito parentesco com a intuição poetica que produzio em Portugal as *Visões dos tempos* e as *Tempestades Sonoras* não chegou a desenvolver-se; atrophiou-se logo. O segundo, porém, perdurou, e influenciado, depois, por Guerra Junqueiro deu

---

(5) *Cantos do fim do seculo*. (Rio de Janeiro, 1878). Este livro traz um importante prefacio onde o seu autor explana uma magnifica theoria artistica, que infelizmente não foi aproveitada ou praticada por elle.

nascimento ao vasto beaudelairianismo-hugoico-parnasiano que domina agora a nova geração.

São as mil *nuances* apresentadas por esse modo de poetar, juntas á fraqueza congenita delle para construir uma ampla poesia vigorosa, saturada do espirito scientifico da epocha, que fazem com que a nossa litteratura poetica se resinta cruelmente da anarchia que assignalei em começo.

***

A esta hora os poetas nacionaes—e ha ahi uma bonita legião delles a estrellejar de cantos o céo escuro da nossa existencia collectiva—repartem-se deste modo:

Sentimentalistas;
Lyristas puros;
Condoreiros;
Realistas.

O grupo formado pelos sectarios das duas ultimas escolas, postas em fusão, é, como já o fiz notar, o mais extenso, mais apreciado e mais lido.

Mesmo o tom geral da poetica brasileira, presentemente, é, sem contestação, dado por elles.

Os sentimentalistas, isto é, os lamurientos, os amorosos, os tristes, os que virgulam as suas estrophes com suspiros e têm reticencias de lagrimas no fim de cada verso, esses são poucos, muito poucos até.

Productos retardados de um estado emocional que passou, de um subjectivismo morbido que não tem mais razão de ser deante da nova comprehensão da vida e dos deveres que esta impõe, elles ahi estão para um canto, cacheticos, abandonados, ridiculos, na sua *manière* lamartiniana.

Quanto aos lyristas puros, a sua posição é quasi a mesma, posto de lado o ridiculo.

Traduzidas em formulas arithmeticas, as duas escolas dariam :

Sentimentalismo :

Atrazo e inutilidade, *mais* pranto, *egual* a ridiculo.

Lyrismo puro :

Subjectivismo phantasista, *menos* pranto e ridiculo, *egual* a atrazo e inutilidade.

De facto. Os lyristas puros que conheço entre nós, sem possuirem a impeccabilidade plas-

tica dos parnasianos, e sem terem a preoccupação social dos condoreiros e realistas, reduzem-se todos a simples versejadores para *album*, inoriginaes e mediocres.

Só quando, abandonando a natureza morta, affectam uma ingenuidade *a João de Deus,* é que sobem um pouco. Servem, então, para entretenimento ás cansadas cabeças dos velhos e aos cerebros pequenos das raparigas.

Restam os discipulos atrevidos de Hugo e os sectarios do realismo ora satanico a Beaudelaire, ora systematico e exagerado a Richepin.

Estes, senhores do terreno, servem-se da hyperbole formidavel, da anthithese violenta, da observação apaixonada e intensa, da nota satyrica e ferina, para cantarem a vida social presente ou por vir. Sempre sem um criterio que os oriente, apotheosam-n'a agora, dahi a pouco apostropham-n'a.

Fazem uma obra toda negativa.

Revolucionam apenas.

*
* *

Contra a prolongação desse estado de anormalidade necessariamente transitorio, mas do qual

a poetica brasileira não parece querer libertar-se senão para retrogradar ás formulas iniciantes, é que eu protesto em nome da evolução do sentimento, concomitante da evolução da intelligencia!

Já nos não serve o sentimentalismo romantico, nem nos serve tambem a reacção junqueirina, que tanto actuou por cá :

Não presta mais o lymphatismo lyrico dos poetas subjectivistas, e nem mais merece ser assimilada a metaphysica transcendental dos poemas sociaes hugoanos.

Tudo isso para um lado, e trabalhe-se conscientemente, herculeamente, com ardor e com fé, na propagação de um novo credo, na architectação de um monumento novo.

As velhas construcções estheticas, immobilisadas como uma tela de Byzancio, refractarias á corrente da transformação mental por que passam presentemente os povos, estão ahi a se aluir pouco a pouco, a se desmoronar pedra a pedra.

Batidas da larga ventilação do futuro, do sopro calido e poderoso da Sciencia, estremecem e ruem.

E' preciso, portanto, provocar-lhes o annihilamento final.

Desentrave-se o terreno em que ellas assentam. Chegou o tempo de aproveital-o melhor.

Fóra com os receios pueris e as fraquezas ridiculas.

Para longe, por uma vez, a poesia feita para distrahir burguezes :— a poesia *gantée*, affectada hypocritamente aphrodisiaca, superficial e chorona.

Para longe egualmente a poesia simples demolidora, a poesia do propagandismo revolucionario, ôca de senso e sonora das palavras esdruxulas!

Ha necessidade desse grosso desbastamento de solo, dessa ampla «liquidação litteraria.»

E' que ao pé de nós—de nós, os libertos da algema theologica e da gargalheira metaphysica —alteia-se em frescuras de madrugada, em lucilações magnificas de pharol, em *poses* promettedoras e correctas, o vulto harmonioso de uma outra Poesia sã, verdadeira, forte, constructora, e afinada pelas modernas syntheses philosophicas...

II

AFFIRMAÇÃO

> Ser poeta não é possuir a habilidade chineza de rendilhar palavras dispondo-as pacificamente em combinações funambulescas e caprichosas; é ter a visão intellectual das grandes cousas ignoradas e com ella a aptidão artistica de lhes saber dar vulto pela expressão fallada ou escripta.
>
> ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A POESIA SCIENTIFICA...

Eis ahi a nova formula, o novo credo, a nova lei, nos dominios da inspiração metrificada, na esphera das emoções sujeitas á sonoridade egual e ondulante de verso.

E' convicção minha isso, e para cimentar essa convicção tenho argumentos de toda ordem, raciocinios de toda a natureza.

E que os não tivesse... Bastava-me, para correr atraz dessa promettedora intuição poetica

a necessidade moral de sentir e gosar uma chymasia exquisita, o desejo de provar um fructo ainda não mordido...

Da trajectoria, cheia de cambiantes admiraveis, que Ella—a Poesia—tem descripto no tempo, isto é, na Historia; dos phenomenos artisticos que podem ser observados actualmente; dos recentes processos de exegetica litteraria, dominados pela lei da filiação; emfim, do conjuncto das idéas modernas, da orientação mental que têm tomado as civilisações mais avançadas;—deduzo eu motivos para crer no evento da Poesia Scientifica.

Vou precisar, ou antes:—vou justificar a asseveração que ahi fica.

Em toda a longa desenvolução affectiva ou emocional da Humanidade, a partir do estadio iniciante do fetichismo, a Poesia tem representado um papel eminentemente util, constructor, philosophico.

Foi preciso que a anarchia mental e moral, resultante do esphacelamento do regimen catholico-feudal que jungia os povos do Occidente, viesse, até o principio deste seculo, anormalisar os espiritos, para que se podesse negar essa verdade e ver simplesmente nas producções do

genio poetico um artificio palavroso, destinado a sensibilisar o ouvido e a sequestrar o homem das luctas intellectuaes e praticas do seu tempo.

Raciocinemos:

No mais baixo degráo do primitivo estado da mentalidade humana, no periodo fetichista, as faculdades poetisantes, isto é, sensitivas e imaginativas, se deviam ter confundido com a potencia propriamente intellectiva.

O homem fetichista, o timido e supersticioso adorador da longinqua estrella faiscante, da grande arvore seivosa e da pedra bruta que avultava no chão, syncretisou, de certo, n'um só acto psychico espontaneo, a sua comprehensão intellectual dos phenomenos ambientes e as suas impressões propriamente sentimentaes.

Portanto, a sua poesia, si a teve, si a externou, si a compoz sob uma forma e por um modo quaesquer, devia ter sido um reflexo vivo, uma quasi copia da concepção theologica do mundo na sua primeira phase.

A arte, ahi, esteve, pois, estreitamente unida á sciencia, á synthese philosophica que se impunha naquelle tempo.

Esteve-o tambem, e então mais sensivel-

mente, no periodo das civilisações polytheicas, que se seguiu ao primeiro.

O que são os poemas do divino Melesigenes, senão compendios sonoros a leccionarem todo o anthropomorphismo magestoso daquella philosophia e daquella religião da Grecia heroica?

Ali, a poesia, como a sciencia, foi, e não o podia ter deixado de ser, polytheista.

Durante toda a comprida dominação do monotheismo catholico, que substituiu as intuições greco-romanas, sempre o mesmo facto, a manifestação da mesma lei:—a poesia a vulgarisar as idéas philosophicas reinantes.

Si Thomaz de Aquino escrevia a *Summa*, encerrando inteiro em seu livro, e stereotypando nos traços de sua penna, o espirito da edade medievica, Dante Alighieri forjava as bronzeas estrophes da *Divina Comedia*, immortalisando as creações phantasmagoricas do inferno, do purgatorio e do céo, e poetisando a theologia...

E assim por deante. Sob a Metaphysica, atravez da Renascença, como dos prodromos da reacção romantica que veio em seguida, a poesia reflectiu sempre o *status* mental predominante.

E a directriz que ella, com a positivação dos conhecimentos humanos, vae tomando agora, não é mais do que a accentuação dessa tendencia.

De facto: O conjuncto da phenomenologia artistica actual a que ainda ha pouco me referi, confirma, como disse, a tendencia a que alludo.

Por toda a parte, na Europa inteira e nas zonas civilisadas da America, o espirito scientifico que se alarga vae dando logar á eclosão de formulas affectivas adaptadas ao estado de positividade das intelligencias.—Ahi estão nas manifestações litterarias, como na producção propriamente artistica, o naturalismo, o impressionismo etc...

* * *

Em um artigo, escripto e publicado em... 1881, (6) tive eu occasião de expressar-me do modo seguinte com relação á materia de que ora me occupo:

«A Poesia Scientifica nasceu *didactica*, com TITO LUCRECIO CARO, um seculo quasi antes da

(6) *Diario de Pernambuco* de 15 de Novembro. Anno cit.

era christã.—*De Natura rerum* foi o monumento em que ella appareceu pela primeira vez esculpida, em relevo.

«O *didactismo*, em seguida, apertou o seu circulo e deu ao mundo Ovidio Nasão, Horacio e Nicolas Boileau; já nos tempos modernos este ultimo: Ahi estão a *Arte poetica*, a *Arte de amar* e o *Lutrin*.

«Quanto a mim, é naturalissima a evolução feita pela poesia de Lucrecio.

«Penso que da mesma maneira que, pela incorporação da Historia ás cinco sciencias anteriores, estas deixaram de ser particulares para se tornarem geraes e philosophicas; a poesia scientifica, a principio didactica, deixou de ser tal, com a synthese construida sobre a serie hierarchica das sciencias, para se tornar propriamente scientifica ou philosophica.»

Já no mesmo escripto, algumas linhas atraz, havia eu dito:

«Quem sabe alguma cousa dos principios philosophicos assentados na França por Auguste Comte, e propagados na sua parte menos atacavel por Emile Littré, sabe tambem (e o conhecimento da influencia dos *meios* o confirma) que, a cada uma das tres phases ou estados princi-

paes da evolução sociologica, corresponderam sempre e correspondem ainda hoje uma certa concepção da Politica e uma certa concepção da Arte.

E mais ainda: que ao periodo de sciencia ou ao estado positivo a que chegaram hoje os povos do Occidente, assim como deve corresponder no Estado a Republica, deve corresponder nos dominios da Esthetica—a idealisação dos factos scientificos e dos sentimentos philosophicos.» (7)

---

(7) Sinto necessidade de me explicar, mesmo em nota, sobre a Philosophia Positiva, ou sobre a influencia que exerce em mim, em minhas idéas e palavras, o Positivismo francez.

Sou ainda hoje o mesmo sectario convencido e enthusiasta do grande systema philosophico architectado na França por Comte. Até hoje, entretanto, não pude ainda substituir Littré por Laffitte, e Wirouboff pelo Dr. Robinet. Quer isso dizer, que, em face do vertiginoso movimento scientifico da actualidade, faço-me, com Roberty, um *positivista independente*, e, escudado no fecundo principio da relatividade dos conhecimentos humanos, procuro agrupar ao redor da Lei dos 3 estados e da Classificação hierarchica das sciencias todas as conquistas definitivas do evolucionismo spenceriano, do transformismo darwinico, do monismo haeckelista e do realismo scientifico-materialista.

Não nego, apesar disso, que tenho uma immensa admiração veneradora pela prematura e arrojada construcção politico-religiosa do philosopho francez, e, presentindo nella um esboço do ideal que todos bus-

Esses trechos que transcrevo para aqui continham e conteem, em germen, todo o meu modo de pensar relativamente á Poesia Scientifica.

E não só isso como tambem, implicitamente, a mór parte das razões que possuo para defender essa formula poetica, tão incomprehendida até agora.

A Poesia Scientifica é um resultado logico e necessario da caminhada que tem feito o espirito humano atravez dos seculos e das civilisações

Alliterada, como no hebraico ou no finlandez, metrificada e rimada, como no latim e nas linguas epigonas deste, a Poesia foi sempre o transumpto dos sentimentos de um povo ou de uma epocha. E como a synthese sentimental de um momento historico qualquer é fatalmente

---

camos, compara-a a uma cidade correcta e formosissima, erigida no ar, que attrahe o viajante, mas que asphyxia-o depois, porque a altura pharaonica das suas muralhas não deixa penetrar dentro della a rajada forte do movimento, da luta, da concurrencia, da vida em toda a sua revolucionaria liberdade...

Releva notar, porem, que as minhas sympathias pelo positivismo heterodoxo não dão um caracter limitado e exclusivo ás idéas que tenho sobre poesia scientifica. Não. Com a Philosophia Positiva ou com qualquer outro systema philosophico moderno as conclusões restam as mesmas.

determinada pela synthese mental, isto é, pela comprehensão philosophica em que é abraçado o mundo nesse mesmo momento, segue-se que a poesia foi em todos os tempos mais ou menos scientifica.

Recorra-se á historia de todas as litteraturas.

Si se não fôr buscar o caracter geral da poesia nas pequenas composições dos pequenos poetas, mas sim nos grandes poemas geniaes dos artistas que souberam resumir em si, como n'um microcosmos, toda a alma do seu tempo, ter-se-ha a prova do que affirmo.

E, antes de passar adiante, quero accentuar isto:

Não caio n'uma contradicção quando digo, por um lado, que a poesia scientifica nasceu com LUCRECIO, e, por outro, que as melhores manifestações do genio poetico têm sido, em todos os tempos, mais ou menos scientificas.

O poema do artista philosopho, a grande obra que, segundo a legenda, foi escripta nos intervallos de uma loucura original, infligida ao Poeta pelos zelos de sua amante, (8) teve o alto

---

(8) Vid. noticia sobre Lucrecio, na obra *Collection des auteurs Latins*, publicada sob a direcção de M. Nisard.

merito de ser a primeira manifestação consciente de uma poesia inspirada pelas convicções philosophicas. Isto, porem, não quer dizer que os artistas anteriores ao autor do *De natura rerum* se tivessem furtado á lei que os obriga a pensar e a sentir de accordo com o meio intellectual e affectivo em que viveram.

*
* *

«A Arte de hoje, creio, se quizer ser digna do seu tempo, digna do seculo que deu ao mundo a ultima das seis sciencias fundamentaes da classificação positiva, deve ir procurar as suas fontes de inspiração na Sciencia, isto é, na generalisação philosophica estabelecida por Auguste Comte sobre aquelles seis troncos principaes de todo o conhecimento humano.

E' para mim um principio assentado que ao estado definitivo de positividade a que chegou a mentalidade do homem civilisado, corresponde presentemente, no dominio do sentimento, esta escola de poesia—a scientifica.

Entendo que modernamente ella, a poesia,

deve ser scientifica; mas scientifica debaixo deste ponto de vista, deste modo:

—Sentindo o influxo da concepção philosophica do universo que domina em seu tempo; enunciando as verdades geraes que decorrem para a vida social d'essa concepção; mas vestindo sempre os seus ideaes com as roupagens iriadas das faculdades imaginativas, e nunca deixando de obedecer á emoção poetica que dá nascimento á obra d'arte.

Ou antes: Quero a poesia contemporanea alimentando-se dos sentimentos philosophicos da nossa epocha, mas cantando-os, sem *tratadisar* (seja-me licito empregar esse termo), no poema ou na ode, uma sciencia particular ou uma ordem de conhecimentos especiaes.»

E' um pedaço do prologo das *Visões de Hoje*, isso. (9)

Por elle vê-se claramente, e em synthese, a comprehensão que eu tenho da poesia hodierna.

Vou dar mais luz a esse meu modo de ver, que reputo justificavel em extremo.

A emoção que dá origem á poesia pode ma-

(9) Nas *Visões* eu tentei um esboço de poema scientifico, como o entendo.

nifestar-se ou no terreno dos sentimentos ou no das idéas; pode provir dessa ou daquella estação do systema nervoso. E' desta opinião o autor da *Esthetique Positive*.

A poesia das idéas, que só o nosso seculo pode realisar completamente, porque só nelle se veio a fechar o circulo abstracto da especulação humana, é tão acceitavel e legitima como a poesia dos sentimentos.

E' intuitivo esse asserto.

Entretanto eu não quebro lanças simples e exclusivamente em favor da poesia das idéas, não.

Concedendo, para pôr-me de accôrdo com a opinião mais corrente, que o departamento da sensibilidade seja, no homem, o mais proprio para hospedar a arte e gerar as finas idealisações lyricas, (10) penso que, mesmo nessa circumscripção da alma, a poesia pode e deve ser scientifica.

A rasão disto está em que existem sentimentos nascidos da diffusão da sciencia, correspondendo a idéas tambem nascidas desta. O senti-

(10) Tomo aqui a palavra-*lyricas*-como synonima de-poeticas.

mento da sympathia e amor social, por exemplo, é filho da idéa de solidariedade humana, suggerida pela meditação philosophica.

E tanto a idéa de solidariedade social, como o sentimento de amor pela collectividade, podem inspirar ou produzir poemas esplendidos.

Mas a poesia das idéas leva com facilidade ao didacticismo, dirão...

E' por isso que eu, sem a rejeitar, quero-a unida á poesia dos sentimentos scientificos. Desse modo a arte nunca virá a ser a propria sciencia, nem a sciencia deixará alguma vez de influir sobre a arte.

* * *

Denomino a poesia, a formula poetica do futuro, como eu a comprehendo e como a quero, deste modo: *scientificismo philosophico*, ou—*poesia scientifico-philosophica*.

Isso para obstar a que se faça de um livro de versos um *compendio* de qualquer sciencia particular abstracta ou concreta, e obstar ao mesmo tempo a que se pretenda partindo de um ponto de vista subjectivo e especial, reduzir a poesia a um

mero *processus* artistico de especulação logica ou psychologica.

Somente quando estiver bem vulgarisada e acceita a comprehensão verdadeira das expressões *sciencia* e *philosophia*, que tendem, desde o principio deste seculo, a synonimisar-se, a se fundir, a se consubstanciar em uma só; se poderá, sem perigo dar á poesia a qualificação unica de—scientifica.

Mas apesar de ser isso verdade, ferido pela necessidade de matar o prejuizo que faz ver na sciencia uma inimiga figadal da Poesia, eu ás vezes digo apenas *poesia scientifica* em logar de fallar na poesia scientifico-philosophica.

O titulo deste livro é uma prova dessa minha imprudencia.

Citando, algumas paginas atraz, Lucrecio, Ovidio, Horacio e Boileau, eu devia ter apposto a esses nomes um outro, deante do qual só o do autor da *Natureza das cousas* pode levantar-se orgulhoso.

Esse nome é o de João Wolfang Gœthe—o poeta e philosopho allemão, cuja radiosa cabeça encheu de faiscamentos geniaes o fim do seculo passado e o começo do actual.

O autor do *Die Leiden des Jungen Werther*, com a producção do *Fausto*, lançou uma fulgida ponte fecundissima entre a concepção poetica de Lucrecio e a poesia scientifica moderna.

E' o segundo elo ou annel da formosa cadeia que se vae estendendo agora...

Delle cita Letourneau na *Physiologie des passions* um magnifico trecho que mostra bem o como elle sabia ser poeta.

***

Para dar fim ao presente capitulo, esta synthese:

—A poesia *scientifico-philosophica* é, a meu ver, o dogma que a mentalidade actual impõe á Imaginação e Sentimento modernos.

A poesia scientifica, podendo romantisar, isto é, engrandecer e aformosear por meio da transformação creadora, já as *idéas*, já os *sentimentos*

de nossa epocha, alarga o circulo da actividade artistica e tem a vantagem de fazer sempre do poeta um homem util, um producto serio.

Ahi a teem, a nova intuição poetica. Comprehensiva, sensata e forte, ella se estende por toda a area da emocionalidade humana, abrangendo tudo.

Desde a lei astronomica da attracção até o evolucionismo biologico e social, desde as generalisações da philosophia até os factos particulares do amor, da dedicação, da coragem, do civismo, da paz, da familia, da felicidade, da miseria, do crime, do patriotismo ; desde a luta pela vida nos vegetaes e nos animaes até o conforto doce de um *menage* alegre e honesto ; vae, ou antes, deve ir a poesia de hoje.

E essa poesia, grande, elastica, imperecivel, correcta, harmoniosa, sonora, não é, não pode deixar de ser outra senão a scientifica, a arte rhythmica, moldada pela concepção positiva do mundo.

III

DOCUMENTOS

> ... Existe poesia no mundo, na sciencia que o estuda, na comprehensão synthetica das leis que o governam.
>
> JULIO DE MATTOS.

São nada ou quasi nada conhecidos, entre nós, os artistas, os trabalhadores da poesia scientifica. (11)

---

(11) Foi em principios de 1880 que eu assentei as minhas idéas com relação á materia deste estudo. Quero dizer:—a comprehensão verdadeira da Poesia Scientifica tive-a mais ou menos, por esse tempo. Entretanto desde 1878 fallava eu nessa poesia, confundindo-a ora com o hugoismo, ora com o realismo.

Devo a Clovis Bevilaqua, que foi quem primeiro (78) me fallou aqui em Stupui e Akerman, a direcção que tomou meu espirito na esphera da poetica.

Necessito accrescentar que até esse tempo, no

Entretanto, na França e na Belgica, já não são poucos os cinzeladores do novo marmore, os bons operarios do nascente edificio. . Entretanto, na Espanha, em Portugal, no Mexico e em muitas outras sociedades que evoluem, esses promettedores operarios vão surgindo cada dia mais fortes e em maior numero.

A parte mais adiantada e mais estudiosa da mocidade brasileira não tem noticia delles, parece. Mas nem por isso deixam de ser esses artistas os unicos, os verdadeiros representantes das idéas do tempo, no departamento poetico.

Desses bons espiritos renovadores conheço eu, si bem que alguns delles quasi por tradição, um certo numero, pequeno mas forte. Do meio do grupo que elles formam destaco os seguintes bustos :

—Sully-Prudhomme, André Lefévre, Luiza Akerman, Stupui, Alfred Berthezène, Bartrina, Teixeira Bastos, Luiz de Magalhães, Alexandre da Conceição, Manoel Acuña, e o autor do *Brahma*.

Brasil, alem de Sylvio Romero, só Teixeira Souza e Generino dos Santos,—este ultimo nas *Rimas Modernas,* livro inedito, tinham tido uma vaga intuição da modalidade scientifica na poesia.

Sobre cada um vou dizer o que tenho lido, o que sei ou o que me consta.

Sully-Prudhomme, entrado ha pouco mais de um anno para a Academia Franceza, alem de ser um dos mais adiantados artistas do Pariz actual, é tambem um dos mais conhecidos poetas da Gallia contemporanea.

Tem publicados quatro esplendidos *recueils* de versos, nos quaes Alphonse Lemerre—o seu aristocratico editor—enfeixou todas as impeccaveis producções do poeta psychologo.

Os menos conhecidos poemas de Sully são justamente aquelles que eu mais aprecio e que quero tornar salientes—os scientificos.

Ha principalmente dois *specimens* destes nas suas obras :—*A Justiça*, admiravel composição em doze cantos, e a traducção em alexandrinos do primeiro livro da *Natureza das Cousas*, de Lucrecio.

Em ambos está magistralmente revelada a possibilidade de se poetisar assumptos scientificos ou philosophicos, e isso sob uma forma em nada inferior á de Leconte de Lisle, o mais correcto dos impassiveis ou parnasianos.

A aquelles primeiros versos do poema sensualista romano que dizem :

Æneadum genetrix, hominum, divomque voluptas,
Alma Venus! cœli subter labentia signa
Quœ mare navigerum, quœ terras frugirenteis.
Concelebras etc...

deu Sully-Prudhomme uma interpretação admiravel.

Na *Justiça* quasi todas as estrophes são da estatura destas:

Comment prier, pendant qu'un profane astronome
Mesure, pése et suit les mondes radieux!
On l'entend qui les compte, et sans terreur les nomme
Des grands noms que portaient d'inoubliables dieux!

Comment rever, pendant qu'a d'effrayants ouvrages
L'adroit physicien s'evertue? On l'entend
Qui fait grincer la lime et, chasseur des orages,
Aiguise et dresse en l'air le piége qu'il leur tend!

Comment rever, pendant qu'un obstiné chimiste
Souffle le feu, penché sur son œuvre incertain
Et suit d'un œil fievreux un atome á la piste,
De la cornue au four, du four au serpentin?

....

O ma Muse, debout! suivons de compagnie
La Science implacable, et degré par degré,
Voyons si de partout la Justice est bannie,
Ou quel en est le siége et l'oracle sacré!

—Oh! ne dedaigne pas le service á me rendre!
Si tu n'es plus l'epouse, au moins reste la sœur!
L'ordre même est un rythme, et pour le bien comprendre
Un bercement sublime est utile au penseur!

....

O autor destes melodiosissimos quartetos affirma sem rebuço o seu amor á Poesia Scientifica, a sua crença na praticabilidade della.

No prefacio ao poema de que extrahi os versos acima, diz elle:

«O verso é a forma mais apta para consagrar o que o escriptor lhe confia, e creio que se lhe pode confiar não só todos os sentimentos como quasi todas as idéas.»

E mais adiante:

«Segundo a opinião commum, a poesia perde seus caracteres proprios desde que o assumpto explorado cessa de ser facilmente accessivel aos espiritos de cultura mediocre. Ambiciono mais para minha arte; parece-me que não ha no dominio inteiro do pensamento cousa, por mais alta ou profunda que seja, pela qual o poeta não seja obrigado a fazer interessar o coração.»

E', em poucas palavras, a explicação e a justificativa da poesia que eu defendo.

E basta sobre Sully-Prudhomme.

André Lefévre, o cerebro robustissimo que tem produzido varias obras de sciencia moderna, taes como *La Philosophie* e outras, é o poeta de *L'Epopée Terrestre*—um livro que mereceu de um escriptor contemporaneo, a quem não escapa um só ridiculo dos homens de lettras, (12) as seguintes justissimas palavras:

«*L'Epopée Terrestre* de M. André Lefévre est une œuvre de valeur; elle montre bien qu'il n'est pas necessaire de se perdre dans la nuit et d'entrechoquer des epithétes ronflantes et ridicules, pour être un vrai poéte.»

Lefévre, nas optimas paginas de que faz preceder o seu volume de versos manifesta-se, relativamente á poesia moderna, deste modo:

«A Sciencia e a Poesia têm cada uma seu logar e seu officio. A uma, o estudo paciente do facto, a trama do verdadeiro e do falso em um horisonte limitado...

A outra o olhar que abraça o panorama da intelligencia e do mundo, que vê por massas os relevos e as côres; a synthese do presente e do passado e a visão do futuro.»

---

(12) Nerée Quepat: *La Lorgnette Philosophique*.

Não se pode precisar melhor a destinação eminentemente scientifica e philosophica da poesia de hoje.

Nessas palavras do poeta materialista francez ha luz, ha convicção e ha verdade.

As melhores peças da *Epopéa Terrestre*, a meu ver, são as poesias que têm estes titulos: *Hymne*, *Le poéme du blé*, *Discite Justitiam*, *Les spectres du langage*, *Les derniers mythes*, *Deus ex machina*, *Desir*, e *De natura rerum*.

Em todas ellas, como em quasi todo o seu livro, André Lefévre combinou, justapoz, perfeita e irreprehensivelmente a sciencia e a poesia. Extrahiu esta daquella com uma habilidade enorme.

Os espiritos sadios dos que, mesmo nas provincias da arte, se não contentam com palavras, com simples relevos morphologicos, acharão na *Epopéa Terrestre*, ao lel-a attentamente, todas as bôas impressões que dá uma idealisação vigorosa de cousas verdadeiras e sans.

A mesma cousa se pode dizer com referencia ás producções poeticas da autora do *Prometheu*.

Vou me occupar della agora.

Luiza Akerman, a poetisa da *Revue Britannique*, de quem ainda ha pouco se occupou Wirouboff na *Revista de Philosophia Positiva*, é-me, infelizmente, conhecida apenas por algumas composições esparsas em jornaes.

Sei, entretanto, que o seu poema intitulado *Prometheu*, e publicado ha alguns annos, elevou-a a uma grande altura na poesia contemporanea da França.

Satan, uma poesia dada á luz o anno passado na *Nouvelle Revue*, é um attestado brilhante do talento masculo e emancipado de Mm.e Akerman.

De Stupui sei ainda menos que da poetisa acima citada. Ainda não li nem uma estrophe desse modesto versejador, que, aliás, me affirmam ser muitissimo notavel.

Stupui é positivista. Um pequeno volume contendo trabalhos seus foi publicado na Belgica, em edição muito limitada, e só para ser distribuida por amigos.

Attribuo a essa pequena tiragem do seu livro a nenhuma celebridade do poeta comteano. Cito-o aqui, porque pessôas de alto valor mental têm-me afiançado ser elle um dos mais bravos soldados do batalhão *scientificista*.

Alfred Berthezène (13) é o pujante e corajoso autor, quasi nada conhecido, de uma obra em alexandrinos, denominada *Le Progrés* e cheia de faiscações de audacia, de talento, de força.

Le Progrès foi impresso em Paris, em 1877 e consta, esse formoso poema, de 3 partes subdivididas em muitos cantos.

Declara Berthezène em uma das primeiras paginas de seu volume que, para publical-o, gastou seis annos em estudos e observações.

E foi fecundo o trabalho a que se entregou o poeta, porque *Le Progrés*, depois de *La Justice* de Sully, é a melhor amostra que tenho achado de poesia scientifica.

Quero apresentar a prova do que digo.

Leia-se:

De Pline à Copernic, le regime chretien
Avait tout absorbè. Qu'avait-il produit ? Rien.
La plus profonde nuit s'etendait sur la terre ;
L'homme etouffait sous un principe antoritaire,
Enfin Bacon s'ecrie : «Observons !» Ce jour-là

(13) Esse nome me parece ser uma mascara, um pseudonymo. Os bibliophilos que tirem a limpo esse ponto.

L'epouvante fut grande au camp de Loyola.
Le prètre qui montrait au docile fidéle
La terre fixe et les cieux tournant autour d'elle
Fut demasqué. Lui qui passait pour tout savoir
Helas, ne savait rien. On voyait se mouvoir
Jupiter e Venus. Mars tournait et sans doute
La terre aussi. Kepler bientôt trace leur route
E leur dicte des lois...

Leia-se mais :

..........................Les corps de l'univers
Ont les mêmes vertus bien que d'aspects divers.
On l'a pu demontrer : la chaleur, la lumiére
Ne sont qu'un même agent d'une cause première.
De même que d'un gland quelquefois des forêts
Immenses sortiront, volontiers je croirais
Que d'un simple moteur et d'un atome unique
Decoule le Cosmos. Ainsi la Mecanique
Et l'Hidrodinamique, un principe accepté,
Se deroulent dans une admirable unité.
D'après moi, Dieu n'a pas sur les lois existantes
De prise ou d'action. Quand deux forces constantes
Agissent en un point, la resultante vaut
La somme des carrés... avec on sans Tres Haut.
En inverse raison des carrés des distances
S'attirent tous les corps, aussi bien les substances
Organiques que l'astre au sein du firmament.
Ces corps-lá, ne pouvaient s'attirer autrement.

Dans tout ceci n'ont rien á voir les Providences.
Pour moi, les lois des corps, ne sont que leurs tendances
Et leurs proprietés. S'il faut absolument
Un dieu, je repondrai : Dieu c'est le Mouvement.

Em qualquer trecho do poema de Alfred Berthezène se encontra essa linguagem ao mesmo tempo exacta e imaginosa, essa forma cheia e correcta.

Berthezène é, portanto, um artista que deve ser tomado por mestre.

Nos versos que ahi ficam transcriptos sobrenada um *que* de bello e nervoso, que até faz amar o didacticismo

Passo ao hespanhol BARTRINA.

O patricio de Espronceda não me é familiar senão por citações que tenho encontrado do seu nome

No emtanto, esse digno representante da poesia scientifico-philosophica na metade oriental da peninsula iberica, é muito apreciado em seu paiz e bastante conhecido em Portugal.

Aponto, por isso, a sua sympathica individualidade

TEIXEIRA BASTOS foi, depois das fluctuantes tentativas de Th. Braga e de Anthero do

Quental, o primeiro poeta verdadeira e conscientemente scientifico da nossa antiga metropole.

O seu primeiro livro de versos—*Os rumores vulcanicos*—foi dado a lume em 1878.

A esse livro prefiro o segundo, publicado em principios do anno passado: as *Vibrações do Seculo.*

O joven autor dessas duas obras tem, a par de muito talento, uma grande força de vontade e um enorme apego ao trabalho.

Creio que, se chegar a fazer inteira assimilação da rhetorica que o romantismo nos preparou, e puder, assim, dar um colorido attrahente á sua fórma, virá a ser um dos maiores poetas da patria de Pombal.

Não é um nome obscuro o de LUIZ DE MAGALHÃES, o filho do orador José Estevão.

O joven poeta é o autor dos *Primeiros Versos* (Lisbôa, 1880), e esse pequeno volume a que foi dado um titulo tão modesto é uma das producções mais notaveis que ultimamente tem offerecido ás lettras o espirito portuguez.

Os *Primeiros Versos* revelam no artista que os compoz uma vastissima aptidão para a poesia philosophica.

Quer nas pequeninas e lapidadas quadras em redondilha, quer nos endecasyllabos rendilhados, quer nos alexandrinos de folego estrepitante e extenso ;—Luiz de Magalhães provou ser conhecedor da sua arte, e, mais ainda, ser um forte cerebro em evolução.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO, outro portuguez, tem um magnifico poemeto scientifico que muito o honra, e que prova muito em favor da poesia das idéas.

E' um trabalho publicado em 1880, a proposito do Centenario de Camões.

Nelle, Alexandre da Conceição foi felicissimo, expondo na cadencia d'uma metrificação *irreprochable* um pedaço de philosophia da Historia.

MANOEL ACUÑA, o poeta mexicano filiado á nova formula artistica, conheço-o apenas de nome.

E é com sinceridade que lamento isso, porque presinto em Acuña uma organisação de americano, alterosa como o Pópocatépetl, da qual ha muito a esperar para o scientificismo poetico.

Resta-me fallar do autor do *Brahma.*

Só o posso designar por esse modo.

A razão é que o poema de que se trata, apparecido em Pariz ha dois annos, não veio firmado por nome algum.

O *Brahma* é uma obra quasi didactica, um livro de versos em que as *idéas* têm predominancia sobre os *sentimentos*.

Como tal, produzio ruido na França.

*
* *

A' documentação que ahi fica, comprobatoria da existencia e valor da Poesia Scientifica e dos direitos que ella tem a ser considerada e acceita, posso ainda accrescentar alguma cousa.

EMILE LITTRÉ, o grande vulgarisador da Philosophia Positiva, não era um poeta. Era um erudito, que envelheceu e finou-se entre livros de sciencia severos e frios.

Entretanto, escreveu, por vezes, alguns versos.

E esses versos em logar de serem, como era natural, uma reacção sentimentalista, puramente lyrica, contra a applicação habitual das suas faculdades; foram sempre uma idealisação philosophica das suas ideas e dos seus sentimentos de pensador.

Leia-se á pagina 454 da obra *Litterature et Histoire* as soberbas estrophes da poesia—*A Terra.*

Naquella pergunta ao *grande Fetiche*:

—O terre, mon pays, monde parmi les mondes
Oú mènes tu tes champs, tes rochers et tes ondes,
Tes bêtes, leurs forêts, tes hommes, leurs citès ?
Oú vas-tu, deroulant ton orbite rapide,
Sans repos, dans le vide
Des cieux illimitès ?

sente-se bater um coração de homem de sciencia e um cerebro de poeta.

Nem é só Littré, que pode ser taxado de suspeito, quem, alem dos poetas declaradamente scientificos, me pode fornecer provas da exequibilidade da poesia pela qual me declaro.

Não. O maior dos romanticos deste seculo, o primeiro dos poetas lyricos do mundo civilisado de hoje, me dá tambem um documento para este capitulo.

VICTOR HUGO, o glorioso velho sobre cuja cabeça ensopada no luar da velhice chovem, de envolta com as caricias infantis dos seus netos, as caricias de todas as almas elevadas, Hugo, o divino poeta dos *Miseraveis*, ajuda-me a pedir, em nome do Futuro, que se dê á Sciencia o direito de reformar a Arte, fazendo-se sua companheira e sua irmã.

Busque-se *La Legende des siècles* e percorra-se-lhe as ultimas paginas, onde vêm os versos que têm por titulo—*Abîme*.

Ha alli um admiravel esboço de poesia scientifica, uma idealisação magnifica do nosso systema solar.

Fallam pela bocca do poeta todos os planetas que se despenham com o nosso na infinita vastidão immensuravel do espaço, no seio eterno daquillo que Augusto Comte, chamou—o Grande Meio.

Possuisse o magestoso genio de Hugo uma comprehensão toda positiva do mundo, e teria bastado um fragmento do *Abîme* para convencer-nos a todos do principio seguinte, sobre o qual repousa inteiramente a theoria do scientificismo philosophico:

—E' tanto maior a obra d'arte, quanto mais profundamente ella consegue interessar o systema nervoso e o cerebral, as faculdades affectivas e as intellectuaes, o coração e o encephalo.

Encerro aqui este capitulo. E ao escrever-lhe os ultimos periodos eu sinto invadir-me uma indomavel tristeza, vendo que, em face dos nomes

que citei, a minha patria tem de corar por não poder accrescentar-lhe um só. (14)

Felizmente não me abandona a esperança de ver, um dia, o Brazil bem representado entre elles.

(14) Já indiquei como precursores da Poesia Scientifica entre nós—S. Roméro, T. de Souza e G. dos Santos. Devo apontar, alem desses, como promessas de continuação, os nomes de : Luiz de Sá Lima, autor de uma pequena poesia—*A Humanidade* (Recife, 1880), Leovigildo Figueiras, portador de um poemeto —*O Céo*. (Bahia, 1881), Anizio de Abreu, autor da recentissima composição *Sciencia e Theologia*, e Phaelante da Camara, o poeta dos *Electricos*.

IV

CONTROVERSIA

> A arte funda-se hoje na intuição novissima que a sciencia desapaixonada e imparcial vae divulgando. Deve ser uma consequencia e uma synthese de todos os principios que até aqui hão agitado o seculo.
>
> SYLVIO ROMERO.

A formula artistica, a intuição poetica que eu proclamo, a poesia inspirada nos grandes idéaes philosophicos da nossa edade, ao mesmo tempo nervosa e calma, enthusiasta e serena, não tem contra si uma só classe de prejuizos e um ou outro adversario isolado; conta em toda parte um grande numero de inimigos mais ou menos perigosos, divididos em grupos de matizes differentes, ora congregados, ora esparsos.

Todos estes grupos de impugnadores, porém, podem-se fundir em dois unicos: — o dos que á

poesia negam apenas a possibilidade de se interessar pelas conquistas da Sciencia, e o dos que, indo mais longe no absurdo, contestam á Poesia o direito de viver no presente, em face do desnudamento operado pela analyse nas cousas e nos phenomenos.

Vou responder primeiro a estes ultimos.

Entre elles eu vejo infelizmente o grande escriptor e poeta portuguez Anthero de Quental, o mesmo que em 1865 fez parte com Th. Braga da violenta reacção coimbrã contra o romantismo classico de Castilho e da escola de Lisbôa.

Ha pouco mais ou menos dois annos, o valente cantor das *Odes Modernas* deu á luz um artigo de critica litteraria no qual affirmava a não viabilidade actual da poesia, excepção feita das pequeninas creações subjectivistas e intimas.

A meu ver, o senso critico de Anthero de Quental falhou-lhe completamente nesse infeliz escripto.

Acredito que o poeta das *Primaveras romanticas*, quando fez a apreciação do livro de Joaquim de Araujo, se achava n'um desses estados psychicos em que uma impressão momentanea,

ou uma perturbação passageira na idyosincrasia do espirito, desvia e falseia o raciocinio.

E' preciso que se não conheça bem a alma humana e que se queira ignorar a lei em virtude da qual todas as nossas concepções, affectos e actos evoluem, para que se possa deixar de dizer com Lefévre:

«A poesia não cessa de ter direito á existencia, si ella não fica atraz do seu tempo. Compete-lhe abraçar n'um golpe de vista os estudos e as descobertas parciaes, determinar-lhes as relações e o sentido, apanhar-lhes e desenhar-lhes o aspecto geral. Ella se preoccupa muito pouco—fiquem sabendo os sabios—com esta minucia indispensavel aos especialistas, que desvia de seu sentido as palavras usuaes e as accommoda á linguagem particular da chimica, da physica ou da historia natural. Ella exprime as cousas em sua complexidade e não em seus elementos; contenta-se com vestil-as de uma imagem tão proxima quanto possivel da realidade.

Já muito tempo antes de ser externada a opinião de Quental, alguns espiritos superficiaes, aqui e no velho continente, haviam enxergado na poesia uma cousa destinada a morrer.

Mas tambem alguns annos antes de ter curso o modo de ver apprehensivo e falso do poeta portuguez, Rocha Lima escrevia já, a proposito, estas palavras:

« Sobre o futuro da poesia avança-se a mais desoladora das previsões. A crença em sua immortalidade parece extincta no espirito humano, que cerrou os olhos á luz do milagre e do sobrenatural. Por motivos, em apparencia os mais fortes e diversos, lavraram-lhe a sentença de morte... »

....

Felizmente a eterna sonhadora ainda não resignou-se ao sepulcro. N'um ambiente confuso e asphixiante, no meio de ruinas colossaes, do amphitheatro deste seculo, que tem dissecado todo o universo, desprende vôos para outras espheras. Que importa, se lhe deram por menagem o mundo da experiencia? Não é elle bastante vasto? Não possue formas, côres, sons, harmonia, virtude, sentimento? Por ventura perde a belleza, emancipando-se do governo arbitrario das divindades e das essencias? Deixará um dia de possuir mysterios e profundezas que o artista contempla para meditar? Sua imagem, illuminada pelos raios da

sciencia, se reflectirá menos seductora no lago da consciencia futura? Não o cremos...»

Tambem não o creio, eu. E todo este volume é um largo protesto convencido que lavro contra o infundado dessa *crença*.

Não vejo do lado contrario um só argumento que, por serio e forte, mereça ser combatido.

Affirma-se *a priori* que a alma do nosso tempo repelle as elaborações sentimentaes, affectivas; propala-se que a poesia incompatibilisou-se com o presente. Mas affirma-se só, propala-se apenas; não se prova isso; não se diz onde está o *quia* dessa incompatibilisação e dessa repulsa.

Recorrem os *quentalistas* á fervente actividade scientifica do nosso seculo e, aproveitando-se da tendencia analytica que ella revela e accentua em seus methodos, gritam á arte, que em virtude do seu amor pela synthese, do seu caracter generalisador e refractario á pesquisa experimental, deve ella suicidar-se, cedendo o passo á sciencia.

Não se lembram os que assim pensam de que não é só a analyse a arma da especulação scientifica; esquecem-se de que ao lado da *outillage* analytica e experimentadora, passa em frente da sciencia uma outra corrente de instrumentos possantes; possue ella a grande alavanca philoso-

phica da synthese, sem o auxilio da qual se faria Sisypho, a rolar eternamente o granito da indagação parcial...

Não acaba ahi a inanidade das opiniões apregoadoras da morte da poesia.

Os corypheus desse modo de ver não explicam a ebullição revolucionaria da Poetica nestes ultimos tempos. Não veem ou não comprehendem esse phenomeno litterario, e ao mesmo tempo fogem das pautas demographicas da poesia, as quaes, em logar de decrescimento, apontam-lhes accrescimos na producção artistica actual...

Vê-se que elles não têm uma base segura onde assentem o seu edificio de hypotheses pessimistas.

Apezar disso voltam á carga sempre.

Mas em face somente dessa obstinação, dessa pertinacia de algumas cabeças caprichosas e pouco reflectidas, se deve assentar definitivamente que a poesia, a grande pythonisa e a grande consoladora, vae já caminho do leito derradeiro, da cama funebre de um mausoléo?...

E, para citar inda uma vez Lefévre,— «supprime-se assim um pedaço da natureza humana?...

Não, absolutamente não.

Ou a arte escripta acompanhará sempre a

Humanidade em todas as suas manifestações dynamicas, ou essa mesma Humanidade será um dia, no futuro, um ser mutilado e incompleto!

* * *

Volto-me para o primeiro dos grupos que designei em começo.

E' o circulo dos que tolerando e amando mesmo a poesia, negam-lhe desastradamente, entretanto, a adaptabilidade á sciencia, recusam-lhe medrosamente a faculdade de se inspirar na philosophia.

Julgo-me dispensado de oppor aqui uma argumentação paciente e longa ao conjuncto de frioleiras que essa fracção de adversarios atira á face da poesia, com o fim de impedir-lhe o pleno desenvolvimento funccional. Quasi tudo o que poderia dizer neste logar, ficou nos dois ligeiros capitulos que antecedem a este.

Comtudo, eu não me quero furtar á obrigação de apoiar-me em autoridades, que deem mais vigor, mais nervo e mais colorido á idéa ou opinião que sustento.

Vou, por isso, fazer uma serie de citações, que me parecem decisivas.

Quem quer que não encontre na sciencia um só laivo de poesia, ou quem quer que na natureza da operação poetica veja alguma cousa de antinomico com o processo scientifico, medite bem nos trechos que seguem.

São d'um brasileiro illustre, e eu não lhes accrescento uma palavra.

«O elemento artistico e o elemento scientifico unem, estreitam-se em relações intimas.—Induzir para deduzir a fim de construir—é a regra logica que a ambos dirige, que sobre ambos pesa.

Toda a especulação tende ao conhecimento do mundo e do homem para modifical-os: modificar o mundo pela industria em proveito do homem, modificar o homem pela arte em beneficio proprio e em proveito social.

Deante da contemplação do sabio e do artista, a natureza não se recata; desprende a tunica rutilante e mostra a assoberbar-lhe o seio um manancial perenne de maravilhas infinitas. A intelligencia agita-se no meio desses assombros; as impressões invadem em tropel a alma, repercutindo lá dentro mais ou menos vivas, e transportando o genio ao labor intenso da abstracção fecunda. Logo o espirito paira em uma estação luminosa; do cerebro humano irrompe um clarão

inextinguivel: é a belleza ou a verdade que nasce. Dahi, ou a lei concisa, simples, que esclarece, ensina e nos alenta, ou o sonho harmonioso, o poema suavissimo, que encanta e extasia.» (15)

E' muito conhecido o parecer que, sobre o assumpto, dá o grande chefe da escola evolucionista ingleza. Escreve elle:

«Não só a sciencia serve de base á esculptura, á pintura, á musica e á poesia, como tambem a' sciencia é por si mesma poesia. A opinião commum de que a poesia e a sciencia oppõem-se uma a outra, provem de uma illusão; os homens que se occupam de pesquisas scientificas mostram-nos a cada passo que sentem tão vivamente, ou mais vivamente de que os outros, a poesia do objecto que estudam. Quem abrir as obras de geologia de Hugh Miller ou ler os *Sea-Side Studies* de Lewes verá que a sciencia exercita o sentimento poetico em logar de o extinguir.

Não é uma idéa absurda, sacrilega, o julgar-se que quanto mais se estuda a natureza menos se a admira?.. Pensais que uma gotta d'agua perde alguma cousa aos olhos do physico, porque elle

(15) Dr. Teixeira de Souza. *Conferencia sobre Calderon de la Barca*. Rio. 1881.

sabe que, si a força que reune os elementos de que ella se compõe se desenvolvesse subitamente, ella produziria um relampago?... (16)

Abro agora um moderno autor francez e transcrevo delle este periodo, que responde concisa e brilhantemente, não só aos propaladores da morte da poesia, como aos que lhe negam o direito de ser scientifica:

« Si a forma poetica propriamente dita pudesse desapparecer, é que os escriptores não teriam mais nenhum ideal social a popularisar; jamais acontecerá isso: os mythos da antiguidade poderão ser substituidos pela sciencia, sem que se pense em deixar de admirar e de commoverse perante as maravilhas da industria e as promessas da solidariedade social » (17).

Jules Lemaitre, estudando a individualidade e a escola litterarias de Sully-Prudhomme, (18) disse o seguinte:

« Que na sciencia haja poesia, e não so-

(16) Vid. Herbert Spencer—*Educação*.

(17) Eug. Bourdet—*Principes d'education positive*. Paris. 1877.

(18) Artigo na *Revue Politique et Litteraire*. N. de 17 de Dezembro de 1881.

mente, como o cria o abbade Delille, porque a sciencia offerece uma fonte inexgotavel ás periphrases engenhosas, isso não se põe em duvida... Seguramente o céo que nos revelou a astronomia depois de Kepler não é menos bello, mesmo aos olhos da imaginação, do que o céo dos antigos ».

E por tocar neste ponto, recordo-me de que Emile Littré, (19) em uma esplendida analyse do *Cosmos* de Alexandre de Humboldt, fez resaltar com força e nitidez a caracteristica scientifica da poesia actual, quando ella, atirando o profundo olhar para cima, encontra o *feerico* espectaculo do céo chagado de astros, e, em logar de ver nelle divindades, vê apenas LEIS...

Mas não ficam ahi as adhesões á causa do scientificismo poetico.

Zola, o ousado physiologista do romance francez, o fecundo e genial autor da *Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le second empire*, já externou esta opinião :

« Faz-se preciso que nos não enganemos : a poesia terá um dia de contar com a sciencia.

---

(19) Vid. *La Science* : pags. 7, 8 e 9.

Eu ousarei mesmo dizer que a grande poesia deste seculo é a sciencia, com o seu transbordamento maravilhoso de descobertas, sua conquista da materia, as azas que ella dá ao homem para decuplicar sua actividade ».

E em outro logar:

« E' na sciencia, ou antes, é no espirito scientifico do seculo que se acha a materia genial de que os creadores de amanhã hão de tirar suas obras-primas » (20).

Tomo emprestadas ao autor dos *Principes d'education positive* a definição e a explicação que seguem :

— « A arte è uma reconstituição livre da phenomenalidade das cousas, è a amplificação da realidade por meio do ideal..........................

....

« Na etymologia das palavras *poesia* e *epopéa* acha-se o sentido de sua producção, o verbo, o cyclo, a idéa mãe, a narração rythmada de acontecimentos solemnes... »

São isso, com effeito, a arte e a poesia.

E os corollarios a tirar dessas proposições eil-os :

---

(20) Emile Zola—*Documents litteraires*.

— Cabendo-lhe reconstituir a phenomenalidade das cousas, a arte tem necessariamente de conhecer e apreciar os phenomenos e as suas relações constantes, que são as leis, e, por consequencia, é obrigada a abeberar-se na sciencia ; significando a narração heroica e emocionada de successos notaveis, a poesia tem, forçosamente, de cantar os grandes acontecimentos da nossa edade, os quaes consistem nas conquistas parciaes e geraes do espirito humano, e, portanto, é impellida para a philosophia.

A fugir dahi, tem-se de falsear as noções de poesia e de arte.

Objectam, porém, alguns dos impugnadores da poesia scientifica : (21)

---

(21) Esses impugnadores, no Brasil, são quasi todos os litteratos officiaes, consagrados ; os criticos e poetas lidos pela burguezia que ouve missas e devora romances sentimentaes. Não me resta espaço para citar-lhes os nomes e analysal-os. Si o podesse fazer, eu me occuparia não só dos escriptores da velha geração como de alguns dos modernos, que na poesia veem ainda a antiga entidade futil e ignorante que o romantismo nos legou. Criticaria Theophilo Dias, por exemplo... Responderia a uma critica sua, de que foi objecto um livro meu...

Dos dois maiores criticos nacionaes—Tobias Barreto e Sylvio Roméro—só o primeiro não acceita o

— A producção poetica é a emoção, a paixão, o enthusiasmo, a vivacidade sentimental... e tudo isso contrasta com a elaboração scientifica, que é methodica, fria, raciocinada, etc...

Os que assim fallam, revelam curteza de vistas, falta de discernimento, mesmo. Respondalhes por mim o já citado collaborador da *Revue Politique et Litteraire* :

« Toda especulação philosophica encobre ou pode encobrir uma especie de drama interior; d'onde a legitimidade da poesia philosophica...

...Emquanto os philosophos em prosa não nos dão senão o resultado de suas meditações, o poeta nos faz assistir a seu esforço, á sua angustia, nos faz seguir esta odysséa interior em que cada descoberta parcial do pensamento tem seu echo no coração e ahi faz nascer uma inquietidão, um terror, uma colera, uma esperança, uma

---

scientificismo na poesia ; o segundo defende-o e o quer, ainda que de um modo muito vago e inapreciavel.

Tobias Barreto, porem, o grande poeta e escriptor, estou certo que si não fez ainda justiça á poesia scientifica, é que, occupado com estudos differentes não se tem lembrado de meditar sobre o assumpto.

Estou certo que o fará um dia, e que ha de ir pedir ao poeta de Weimar a sua forte comprehensão do *objectivismo* na poetica.

alegria; onde a cada estado successivo do cerebro corresponde um estado sentimental; o homem entra assim inteiramente, com sua cabeça e com suas entranhas, nesta indagação methodica e apaixonada.

Estas eloquentissimas palavras são convictas e convencedoras.

Mas os adversarios voltam ainda, simulando um vigor que lhes falta. Appellam para o desapparecimento gradual de certas formulas sentimentaes e estheticas, sem se lembrarem de que nessas desapparições e nesses eventos successivos está justamente uma das razões de ser do scientificismo philosophico, na arte de hoje.

Esquecem-se da theoria, do methodo de Taine, e olvidam todo o bom senso critico que um escriptor espanhol crystalisou nos periodos que seguem:

«Toda obra artistica é o resultado do meio material e moral no qual ella se produz, assim como a planta é o resultado da atmosphera e do terreno em que se desenvolve. Que o ar ambiente, que a terra, se modifiquem, a planta modifica-se egualmente e acaba por desapparecer, para dar logar a uma especie mais apropriada ás

novas condições. Desde a Renascença, a corrente das idéas se modifica, e ao mesmo tempo as intuições e os conceitos artisticos da edade media degeneram e morrem como um vegetal transplantado para uma atmosphera e um terreno que não são os seus, para dar logar a novas e magnificas producções». (22)

E, como esses, são refutaveis até a saciedade todos os argumentos dos inimigos da nova comprehensão poetica.

Tenho fé em que se irá fazendo cada vez mais e cada vez melhor, no meu paiz, a caracterisação, o accentuamento, da poesia scientifica.

Nós, os da nascente geração brasileira, como os moços de toda a civilisação occidental, estamos moralmente obrigados a fazer valido o pensamento de Sainte Beuve, que, já no seu tempo, se exprimia assim :

«Quanto á poesia verdadeira, que não consiste unicamente na descripção das formas, ella saberá nascer das maravilhas deste mundo moderno; ella saberá acommodar-se-lhe ou mesmo ins-

(22) Pompeyo Gener ;—*A Morte e o Diabo*, 1880.

pirar-se nelle, si por felicidade encontrar uma alma e um talento feitos á sua medida e de um geito novo...

Devemos trabalhar todos no sentido de realisar este *desideratum:* a transfusão do sangue arterial, vermelho, rico, oxigenado, da Sciencia no corpo franzino e lyrial da Arte.

Só desse modo se apressará o estabelecimento do *estado positivo*, só dessa maneira a evolução se completará.

O naturalismo que Emile Zola exige para a poesia contemporanea, o naturalismo de François Coppée e de Guy de Maupassant, é apenas uma variante do scientificismo poetico. A sciencia moderna é naturalista. Naturalismo e scientificismo combinam-se, como o todo e a parte.

Desde que se comprehenda bem o que é a arte e o que deve ser a poesia; desde que se dê o valor proprio á palavra *lyrismo*, limitando-o á plastica do verso ou fazendo-o significar o simples lavor morphologico da estrophe; desde que se tenha um conhecimento regular da marcha historica das litteraturas; desde que se tenha um cerebro e um coração embebidos de idéas e de sentimentos sociaes, de aspirações largas, de sonhos

generosos, e de tendencias altruisticas;—o conceito da poesia que eu abraço resalta, surge com força, impõe-se!

Dou fim ao capitulo e ao livro com umas palavras que escrevi algures:

—Os nossos litteratos e poetas que hoje impugnam a poesia scientifica, ou têm de se sujeitar a ella dentro em pouco, ou têm de desapparecer da liça. A lei da selecção permittirá apenas que fiquem no campo os mais fortes, isto é, aquelles que na luta descoberta por Darwin, a qual se realisa tambem na ordem moral, se puderem adaptar ao *meio*...

Tambem tem, felizmente, applicação ás lettras o principio de Cazelles, que impõe aos concurrentes á vida a alternativa seguinte:—*adaptarem-se ou morrerem!*